



Feminismo das Redes: O Paradoxo Entre o Espaço de Fala e a Auto-Exposição¹

Gabriela Zimberg²

Escola Superior de Propaganda e Marketing

Resumo

Este artigo foi desenvolvido com o intuito de analisar sob uma perspectiva acadêmica, fenômenos midiáticos relacionados ao movimento feminista, que orbitam o universo das redes sociais. Para tal, apresentamos inicialmente uma contextualização teórica a respeito deste grupo ativista, contemplando sua transfiguração para o que sustenta e representa atualmente, enfatizando a influência que as redes sociais exercem nesta dinâmica. Destacamos com intuito de questionamento crítico, a problemática que reside entre a abertura ao diálogo e manifestação, garantida pelas redes e sua consequente exposição dos manifestantes, utilizando-nos de autores como Márcia Tiburi (2015), Máximo Di Felice (2013), Manuel Castells (2010), Lucia Santaella (2003) e Eric Landowski (2002). Afim de ilustrar o paradoxo apresentado, apropriamo-nos da análise do caso de assédio relatado por Júlia Velo no bar Quitandinha, tendo em vista sua repercussão nas pautas de veículos de comunicação, bem como a mobilização que exerceu em usuários de redes sociais, que por sua vez, atuaram como elementos influenciadores nos acontecimentos decorrentes.

Palavras-chave: Fenômeno midiático, redes sociais, feminismo, manifestação, exposição.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 11, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Email: gabrielazimberg@gmail.com.



1.1. O Paradoxo do Feminismo das Redes

O ano de 2015 foi o ano do feminismo da internet. Segundo uma pesquisa³ divulgada pelo coletivo feminista Think Olga⁴, em parceria com a agência Ideal, as buscas pelos termos “feminismo” e “empoderamento feminino” cresceram 86,7% e 354,5%, respectivamente. A busca por informação a respeito do movimento é na realidade, um reflexo do resultado de diversas mobilizações realizadas em redes sociais, algumas delas motivadas por acontecimentos que foram identificados como problemáticos e ofensivos às mulheres, tal qual foi o caso da adesão à *hashtag* #PrimeiroAssédio, que foi criada com o intuito de permitir às mulheres revelarem suas primeiras experiências de assédio sexual; motivadas pela indignação a respeito de comentários de cunho sexual feitos por homens em redes sociais sobre uma participante de 12 anos de idade do programa culinário televisivo, MasterChef Jr⁵. De acordo com a pesquisa previamente citada, a replicação da *hashtag* excedeu 100 mil compartilhamentos apenas na rede social *Twitter*, conferindo à causa grande visibilidade e repercussão.

Manifestações como esta podem ser resultado da emancipação viabilizada por coletivos feministas digitais, que tornaram-se uma “escola feminista para muitas pessoas” (TIBURI, 2015). Estes grupos vêm multiplicando-se de tal forma que motivaram a criação da organização MAMU (Mapas de Coletivos para Mulheres), com o objetivo de cartografar pontos físicos e/ou virtuais de debate feminista e ajudá-

³ Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>, acesso em 29 de março de 2016.

⁴ Disponível em: <http://thinkolga.com/a-olga/>, acesso em 03 de Fevereiro de 2016.

⁵ Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445529917_555272.html, acesso em 2 de março de 2016



los a ganhar visibilidade⁶. De acordo com Tiburi⁷, esta popularização ocorreu porque as ativistas compreenderam e apropriaram-se de fatores indispensáveis para o desenvolvimento das redes sociais, tais quais a facilitação da auto-promoção, do espetáculo, do discurso antipolítico, da atmosfera indireta que torna-se uma proteção para aqueles que se expõem, bem como da liberdade de falar com qualquer pessoa. No entanto, a filósofa ressalta que o movimento feminista como configura-se atualmente é um fenômeno concomitante e não derivado das redes, e possui por sua vez origens históricas pautadas por um contexto de crítica à violência e opressão política, sofridas pelas mulheres.

Os estudos e mobilizações acerca de questões de gênero e feminismo, surgiram no Brasil na década de 70, permeados por um cenário de ditadura militar, fator que necessariamente influenciou seu posicionamento, tendo em vista suas reivindicações liberais e naturalmente opostas ao que era sustentado pelo governo de direita. (CORREA, 2001) A criação de coletivos feministas ao redor do globo aflorou nesta mesma década, ganhando destaque e conquistando em 1975 a atenção da ONU, que proclamou aquele ano como o Ano Internacional da Mulher. Às origens do movimento, o ambiente de debate e pesquisa era predominantemente acadêmico (GROSSI, 2004) o que necessariamente implica em um seletivo grupo, integrante da elite intelectual do país. No entanto, com a popularização da internet na década de 90 (PEDREIRA, 2006), o feminismo foi apresentado ao potencial do universo *online* de abrigar uma diversidade de informações, fontes e conteúdo, incentivando a liberdade de escolha (SANTAELLA, 2003). Nesta dinâmica proliferaram-se a acentuação da assimetria, da regionalização, da interdependência dos ecossistemas e da

⁶ Disponível em: <http://www.mamu.net.br/#!/loc=-27.347373810080278,-40.36376953125,10>, acesso em 25 de março de 2016.

⁷ Em artigo de opinião, publicado pelo jornal digital Zero Hora. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/12/campanhas-feministas-nas-redes-sociais-evidenciam-a-face-jovem-do-movimento-4923721.html> acesso em: 28 de março de 2016.



diversificação dentro de cada um deles e a cultura que se apresenta nesta era é consequentemente coletiva e transcende a individualidade comportamental (CASTELLS, 2010).

O movimento feminista encontrou, portanto, espaço neste universo no qual “a informação navega de forma distribuída, horizontal, dialógica e redundante e onde cada nó tem igual importância e poder de interdependência.” (DI FELICE, 2013 *apud* BARAN, 1964), viabilizando, por sua vez, uma rede eficaz para o ativismo e a colaboração em diversas esferas. Uma consequência divergente desta catarse discursiva é, conforme mencionado, o aspecto de sequências diferenciais de ordem política, que por sua vez são potencializadas no ambiente cibernético e geram construções de antagonismos e exercícios de poder entre os indivíduos (LACLAU E MOUFFE *apud* PRADO E PRATES, 2012) à medida que apenas o reconhecimento de uma diferença permite a significação e a construção de grandezas, critérios e valores sobre determinado fenômeno. (LANDOWSKI, 1992) Para Prado e Prates (2012), os antagonismos sociais apresentam uma grande incompatibilidade nas relações, pois revelam que não existem limites e estabilidade em seus sentidos, e isso ocorre pois todos campos de significação são ambíguos e temporários.

Tendo estabelecido que existe na sociedade pós moderna um deslocamento de construção de sentidos e significações que é pautado por antagonismos e exercícios de poder, e que transmite por sua vez essa volatilidade para os posicionamentos e tomadas de decisões individuais e/ou grupais; e ressaltando o fato de que o crescimento do movimento feminista foi acelerado nos anos recentes, devido à sua grande apropriação das mídias sociais, deparamo-nos com um paradoxo a respeito de sua propagação em um cenário que pode levar à uma dinâmica conflituosa:

O feminismo que ocupa as redes nos faz pensar na expansão virtual do feminismo e nos demais lugares do feminismo. O feminismo pode usar as redes, mas também pode sofrer com suas armadilhas. (...) **O feminismo que usa as redes sempre**



terá que cuidar para não ser usado por elas.(TIBURI, 2015, grifo da autora)⁸.

1.2. O Caso de Assédio sofrido por Júlia Velo no Bar Quitandinha

Com a intenção de ilustrar esta problemática, decidimos apropriar-nos da sequência de eventos que teve origem a partir do relato de assédio feito pela publicitária Júlia Velo em seu perfil pessoal na rede social *Facebook*⁹. Após sofrer uma experiência de assédio e silenciamento em um bar da capital paulistana denominado *Quitandinha*, durante a semana do carnaval de 2016, a jovem apropriou-se do ambiente das redes sociais para manifestar sua indignação a respeito da situação. Na noite de quinta-feira, dia 4 de Fevereiro, Júlia e um grupo de amigos estavam no bar em questão. O grupo composto pela maioria de homens e duas mulheres contando com a publicitária, separou-se em determinado momento, de modo que apenas restassem as duas mulheres no bar, “E, no intervalo de 5 minutos sem a escolta masculina, um absurdo aconteceu.”¹⁰ Em seu relato pessoal, Júlia traz uma abordagem incisiva por parte de dois homens, sem seu consentimento ou de sua colega, na qual ambas foram invadidas moral e fisicamente após tentarem afastar os agressores em questão, que desrespeitaram o espaço pessoal das vítimas, invadindo sua mesa, tomando de sua bebida sem serem convidados e não se retirando mesmo após pedidos explícitos de ambas.

⁸ Em artigo de opinião, publicado pelo jornal digital Zero Hora. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/12/campanhas-feministas-nas-redes-sociais-evidenciam-a-face-jovem-do-movimento-4923721.html> acesso em: 28 de março de 2016.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/julia.velo/posts/1027796097294719>, acesso em: 5 de fevereiro de 2016.

¹⁰ Relato pessoal de Júlia Velo em seu post na rede social Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/julia.velo/posts/1027796097294719>, acesso em: 5 de fevereiro de 2016.



A casa, ao invés de prestar suporte, acobertou os algozes, alegando que eram clientes de longa data e garantiu a retirada das jovens do bar, com a intenção de prover mais conforto aos fregueses. A polícia foi convocada para o local, no entanto, de acordo com o relato de Júlia, tomou uma postura conivente com a agressão, ao passo que permitiu que os agressores permanecessem em liberdade, alegando que a única possibilidade de incriminá-los seria o encaminhamento voluntário dos mesmos juntamente com as vítimas para uma delegacia, afim de realizar o boletim de ocorrência. Em determinado momento, a jovem relata que um dos homens se dispôs a esclarecer a situação com o policial, que o tratou com cortesia, cumprimentando-o “com um toque íntimo de mão e algumas risadas.”¹¹ A vítima ainda relata que, em meio à uma conversa calorosa, policial e agressor concordaram que tratava-se de um ato de histeria das jovens, desmoralizando-as e fazendo-nas sentirem impotentes: “Nenhum grito foi suficiente para ser ouvida: nem pelos dois caras, nem pela equipe do bar, nem pela polícia. Ninguém saiu perdendo, só nós: as mulheres, vítimas (...).”

Júlia encerra seu relato (que recebeu mais de 40 mil compartilhamentos) com a *hashtag* #vamosfazerumescandalo¹², que por sua vez foi cunhada pela produtora de conteúdo influente entre a comunidade feminista¹³, Julia Tolezano, para seu canal na rede social *YouTube*, com a intenção de manifestar em um de seus vídeos, a indignação a respeito do caso relatado no início deste mesmo artigo¹⁴. O vídeo em questão, que excedeu 1 milhão e meio de visualizações é, assim como a adesão ao

¹¹ Ainda citamos o conteúdo retirado do relato pessoal de Júlia Velo em seu post na rede social Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/julia.velo/posts/1027796097294719>, acesso em: 5 de fevereiro de 2016.

¹² Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Maw7ibFhls>, acesso em 27 de outubro de 2015.

¹³ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/06/youtuber-jout-jout-conta-que-ela-e-o-feminismo-se-encaixam-perfeitamente.html>, acesso em 10 de maio de 2016.

¹⁴ Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445529917_555272.html, acesso em 2 de março de 2016.



relato de Júlia, um retrato do ativismo feminista cibernético, que de acordo com Tiburi (2015) abala as estruturas e expectativas do machismo, principalmente pelo fato de ser exercido de modo a enquadrar-se nos critérios e limites estabelecidos pelas próprias redes, “o que incomoda também aqueles que, reconhecendo os limites das redes, pensam que eles são os limites do próprio feminismo.” (TIBURI, 2015). De acordo com Di Felice (2013) estas limitações não são mais coerentes, tendo em vista que em sua atual fase, o ciberespaço se prova um grande facilitador da extinção destas barreiras físicas, temporais e identitárias, ao ponto de que acontecimentos, ideais, e conteúdos ganham força por meio do fluxo de informação gerado a partir dos mesmos, não havendo portanto, uma distinção relevante entre o conteúdo originado/divulgado no ambiente real ou digital, ou ainda entre os agentes (humanos ou não humanos) que o transmitem, produzem, editam, divulgam, etc. (DI FELICE, 2013).

A repercussão do ativismo feminista atual que não condiz com barreiras de ordem concreta e/ou virtual, torna-se evidente se tomarmos como exemplo a campanha #MeuNúmeroÉ180¹⁵, “inspirada nos inúmeros depoimentos e manifestações que tomaram conta das redes sociais em 2015, com histórias de assédio e violência.”¹⁶ O projeto, que conta com apoio da ONU Mulheres e do Secretário-Geral da ONU¹⁷, foi desenvolvido para o carnaval de 2016, com o intuito de conscientizar a população a respeito de agressões físicas e verbais comumente sofridas por mulheres nesta época, como foi justamente o caso de Júlia Velo. O intuito era informar as mulheres, a respeito da existência do número de telefone 180, da Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência, disponibilizado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, do Ministério das Mulheres,

¹⁵ Criada no regime *pro bono*, pelas agências *The Aubergine Panda* e *Lynx*

¹⁶ Trecho retirado do *press release* da campanha, Disponível em: http://www.meunumeroe180.com.br/pdf/press_release_meunumero.pdf, acesso em 10 de maio de 2016.

¹⁷ Disponível em: <http://www.meunumeroe180.com.br/>, acesso em 10 de maio de 2016.



Igualdade Racial e Direitos Humanos. A comunicação da campanha foi realizada exclusivamente por redes sociais, com enfoque na divulgação por personalidades influentes no meio digital, uma decisão realizada a partir de um trabalho de relações públicas, contemplador da forte militância feminista ativa nas redes¹⁸.

Buscamos evidenciar também, a partir do recorte realizado neste artigo, o teor didático do movimento feminista, que visa de diversas maneiras, em diversos tipos de discurso, a desconstrução de determinados estereótipos e privilégios de nossas estruturas socioculturais. O que de acordo com Landowsky (2002) é um processo de complexa aceitação, ao ponto que a adesão a um ideal minoritário é de imediato desqualificada, tendo em vista que identidades alheias representam algo que não é estruturado. Desta maneira, o Nós, (encarado como a classe dominante) pode exercer uma influência assimiladora sobre a minoria, implicando naturalmente na supressão de sua singularidade e imposição de uma conduta pautada em códigos previamente aceitos e compreendidos pela massa.

Tal problemática explica, por sua vez, a repercussão negativa que o manifesto de Júlia recebeu: O bar Quitandinha, em sua página na rede social *Facebook*, manifestou-se um dia após a publicação da jovem, por meio de três postagens diferentes; a primeira¹⁹ negando o ocorrido e alegando calúnia; a segunda²⁰ declarando que o público (que demonstrou por meio de mais de 4 mil comentários sua extrema insatisfação, argumentando que o bar executou a culpabilização da vítima) havia interpretado a anterior de maneira errada e a terceira²¹ postagem desculpando-se

¹⁸ Informação também trazida na *press release* da campanha.

¹⁹ Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=979927808721364&id=339947812719370, acesso em 6 de fevereiro de 2016.

²⁰ Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=979954552052023&id=339947812719370, acesso em 6 de fevereiro de 2016.

²¹ Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=980164038697741&id=339947812719370, acesso em 6 de fevereiro de 2016.



e prometendo agir de modo a cooperar para a apuração dos fatos. Dias depois, alterou a sua foto de capa para uma imagem que dizia “O Quitandinha é contra o assédio e toda forma de agressão”²², e no dia seguinte à essa publicação, 15 de Fevereiro, compartilhou um vídeo de produção própria em sua página do *Facebook*²³ (que teve a postagem no *Facebook* posteriormente excluída, mas permanece hospedado na página do bar na rede social *Youtube*), intitulado “Quitandinha - O desmonte de uma acusação absurda”²⁴. O vídeo portava uma edição comentada e sem áudio, das filmagens originais das câmeras de segurança que captaram o ocorrido. Ao longo do vídeo, são expostas cenas, juntamente com legendas que buscam desmentir o relato feito por Júlia. Como decorrência deste fato, foram proferidos, tanto no perfil pessoal da publicitária, quanto na página do bar, diversos comentários agressivos, em sua grande parte de pessoas do sexo masculino, mobilizando-se ao redor do argumento de que a jovem havia cometido uma falácia que fora desmentida pelo conteúdo do vídeo:

²² Disponível em: <https://www.facebook.com/339947812719370/photos/a.340269849353833.74938.339947812719370/984366904944121/?type=3&theater>, acesso em 14 de fevereiro de 2016.

²³ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/02/bar-onde-ocorreu-suposto-assedio-divulga-imagens-de-cameras.html>, acesso em 10 de maio de 2016.

²⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4XKepUsAD5Y&feature=youtu.be>, acesso em 15 de fevereiro de 2016.



Figura 01: Comentários retirados de postagens na página pessoal de Júlia²⁵



Figura 02: Comentários retirados de postagens na página do bar Quitandinha²⁶

²⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/julia.velo?fref=nf>, acesso em 11 de maio de 2016.

²⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/Quitandinha-Bar>, acesso em 11 de maio de 2016.



A publicitária manifestou-se a respeito do ocorrido, novamente em seu perfil na rede social *Facebook*, demonstrando sua insatisfação com a manipulação das filmagens originais, realizada pela página. No texto a jovem transmite em sua fala o paradoxo apresentado anteriormente, ilustrando a volatilidade das redes no que diz respeito a serem tanto um espaço utilizado para manifestar-se, quanto um ambiente de revezes para quem se expõe (TIBURI, 2015):

“Como todos sabem, a transparência é essencial para se apurar uma história. A transparência deve ser honesta. Deve ter um rosto, e não uma fachada. Dar a cara a tapa não é fácil. Mas também não é em vão. Eu e a Isabella somos vítimas. E, como vítimas, fazemos questão da verdade.”²⁷

Conclusão

O feminismo das redes ganha visibilidade e legitimidade, com interações que partem do ambiente digital para o concreto, bem como manifestações virtuais do machismo vivenciado ou presenciado no cotidiano das militantes. Um dos elementos que confere atenção à causa é a auto-exposição à qual muitas das mulheres se submetem em ordem de conferir às reivindicações um teor de legitimidade, além de auxiliarem outras integrantes a se identificarem a partir de relatos de outras companheiras de militância com vivências similares. A atmosfera indireta das redes sociais, proporciona uma ilusão de segurança e facilita muitas vezes o relato de cunho extremamente pessoal. No entanto, o ambiente virtual cria um canal de acesso, seja ele direto ou indireto, entre seus integrantes, que pode, por sua vez, ser utilizado com o intuito de manifestar apoio à determinada causa, bem como repúdio (TIBURI, 2015).

Encontramos em nosso estudo de caso, ambos os modelos de manifesto, no entanto, buscamos dissecar as reações de cunho negativo, provenientes do machismo, com a intenção de salientar a problemática que reside com a manutenção deste

²⁷ Trecho retirado da postagem de Júlia Velo em seu perfil da rede social *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/julia.velo/posts/1034553279952334>, acesso em 16 de fevereiro de 2016.



sistema, o qual se apropria por sua vez de condutas que fazem uso da ignorância e agressividade, potencializadas por um sentimento de impunidade conferido pelo ambiente virtual. Para Tiburi (2015), manifestações supressoras como a que foi relatada neste artigo, são apenas uma prova cínica do nosso sistema, que justificam a necessidade de reivindicações e ativismos de cunho feminista. Movimentos que por sua vez se provam cientes desta realidade e buscam, aliados à dinâmica das redes, transformá-la.

Referências

1. CASTELLS, Manuel. Prefácio. In: _____. **A Sociedade em Rede: Era da Informação Economia, Sociedade e Cultura**; tradução Roneide Venâncio Majerz; Vol.1. 10a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
2. CORREA, Mariza. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal**. Cad. Pagu, Campinas, n. 16, p. 13-30, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100002&lng=en&nrm=iso, acesso em 04 de abril de 2016.
3. GROSSI, Miriam Pilar. **A Revista Estudos Feministas Faz 10 Anos Uma Breve HistÓria Do Feminismo No Brasil**. Estudos Feministas Vol. 12 - Especial, pp. 211-221 Ed. Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina/RS, setembro-dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43596683>, acesso em 02 de abril de 2016.
4. DI FELICE, M. **Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas**. MATRIZES, p. 49-71, São Paulo, SP. Ano 7 – nº 2 jul./dez. 2013
5. HALL, S. **Minimal Selves**, em Identity: The Real Me. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.
6. HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed., 1. reimp. - Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2011.
7. LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Educ/Pontes, 1992.
8. LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**; tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010, - (Coleção Clássicos da Comunicação Social)



9. NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria (Org.). NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria; PEDREIRA, Jaqueline. **Cabeças Digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2006.
10. PEREIRA, Carlos Alberto Messeder ; HERSCHMANN, Micael. **Comunicação e Novas Estratégias Organizacionais na Era da Informação e do Conhecimento**. Congresso Anual em Ciência da Comunicação, XXV, Salvador/BA, NP05 – Núcleo de Pesquisa Relações Públicas e Comunicação Organizacional, 04 e 05 setembro 2002.
11. SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-Humano: da Cultura das Mídias à Cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
12. PRADO, J. e PRATES, V. **Regimes De Convocação Do Ambientalismo Nas Revistas Brasileiras De Negócios**. Brazilian Journalism Research , p. 173-191, são Paulo, SP, Volume 8 - Número 2 - 2012
13. RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.
14. TIBURI, Marcia. **Campanhas Feministas Nas Redes Sociais Evidenciam A Face Jovem Do Movimento**. Jornal Digital Zero Hora, Porto Alegre, RS, 05 de dezembro de 2015, notícias. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/12/campanhas-feministas-nas-redes-sociais-evidenciam-a-face-jovem-do-movimento-4923721.html>, acesso em: 25 de março de 2016.